

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XII

ABRIL DE 1869

Nº 4

## Aviso Muito Importante

A partir de 1º de abril o escritório de assinaturas e de expedição da *Revista Espírita* se transfere para a sede da *Livraria Espírita*, Rua de Lille, nº 7.

A partir da mesma data, o escritório da redação e o domicílio pessoal do Sr. Allan Kardec ficam à *Avenida e Villa Ségur*, nº 39, atrás dos Inválidos.

A Sociedade Espírita de Paris provisoriamente fará suas sessões no local da Livraria, Rua de Lille, nº 7.

## Livraria Espírita

Há algum tempo havíamos anunciado o projeto de publicação de um catálogo racional das obras que interessam ao Espiritismo, e era intenção juntá-lo, como suplemento, a um dos números da *Revista*. Nesse ínterim, tendo sido concebido e executado, por uma sociedade de espíritas, o projeto da criação de

uma casa especial para as obras desse gênero, nós lhe demos o nosso trabalho, que foi concluído à vista de sua nova finalidade.

Tendo conhecido a incontestável utilidade dessa fundação e a solidez das bases sobre as quais ela está apoiada, não hesitamos em lhe dar nosso apoio moral.

Eis em que termos ela está anunciada, no topo do catálogo que remetemos aos nossos assinantes com o presente número:

“O interesse que se liga cada vez mais aos estudos psicológicos em geral, e, em particular, o desenvolvimento que as idéias espíritas têm tomado de alguns anos para cá, fizeram sentir a utilidade de uma casa especial para a concentração dos documentos concernentes a essas matérias. Fora das obras fundamentais da Doutrina Espírita, existe um grande número de livros, tanto antigos quanto modernos, úteis ao complemento desses estudos, e que são ignorados, ou sobre os quais faltam informações necessárias para obtê-los. É visando preencher esta lacuna que a *Livraria Espírita* foi fundada.

“A *Livraria Espírita* não é uma empresa comercial; foi criada por uma sociedade de espíritas, tendo em vista os interesses da Doutrina, e que renunciam, pelo contrato que os ligam, a toda especulação pessoal.

“É administrada por um gerente, simples mandatário, e todos os lucros constatados pelos balanços anuais serão por ele lançados na Caixa Geral do Espiritismo.

“Essa caixa é provisoriamente administrada pelo gerente da *Livraria*, sob a supervisão da Sociedade fundadora. Em consequência, receberá os fundos de qualquer procedência, destinados para tal finalidade, terá uma contabilidade exata e

operará a sua movimentação até quando as circunstâncias determinarem o seu emprego.”

## Profissão de Fé Espírita Americana

Reproduzimos conforme o *Salut* de Nova Orléans, a declaração de princípios aprovada na quinta *convenção nacional*, ou assembléa dos delegados dos espíritas das diversas partes dos Estados Unidos. A comparação das crenças sobre essas matérias, entre o que se chama a escola americana e a escola européia, é algo de grande importância, como cada um poderá convencer-se.

### *Declaração de princípios*

O espiritualismo nos ensina:

1. – Que o homem tem uma natureza espiritual, tanto quanto uma natureza corporal; ou, antes, que o homem verdadeiro é um Espírito, tendo uma forma orgânica, composta de materiais sublimados, que representa uma estrutura correspondente à do corpo material.

2. – Que o homem, como Espírito, é imortal. Tendo reconhecido que sobrevive a essa mudança chamada morte, pode-se racionalmente supor que sobreviva a todas as vicissitudes futuras.

3. – Que há um mundo ou estado espiritual, com suas realidades substanciais, tanto objetivas quanto subjetivas.

4. – Que o processo da morte física não transforma, de nenhum modo essencial, a constituição mental ou o caráter moral daquele que a experimenta, pois se assim não fosse, sua identidade seria destruída.

5. – Que a felicidade ou a infelicidade, tanto no estado espiritual quanto neste, não depende de um decreto arbitrário ou de uma lei especial, mas, antes, do caráter, das aspirações e do grau de harmonia ou conformidade do indivíduo com a lei divina e universal.

6. – Segue-se que a experiência e os conhecimentos adquiridos desde esta vida se tornam as bases sobre as quais começa a vida nova.

7. – Visto como o crescimento, sob certos aspectos, é a lei do ser humano na vida presente, e considerando que aquilo que se chama a morte não é, na realidade, senão o nascimento para uma outra condição de existência, que conserva todas as vantagens ganhas na experiência desta vida, daí se pode inferir que o crescimento, o desenvolvimento, a expansão ou a progressão são o destino infinito do espírito humano.

8. – Que o mundo espiritual não está afastado de nós, mas está perto, rodeia-nos ou está entremeadado ao nosso presente estado de existência e, conseqüentemente, estamos constantemente sob a vigilância dos seres espirituais.

9. – Que, desde que os indivíduos passam constantemente da vida terrestre à vida espiritual, em todos os graus de desenvolvimento intelectual e moral, o estado espiritual compreende todos os graus de caracteres, do mais baixo ao mais elevado.

10. – Que, desde que o céu e o inferno, ou a felicidade e a infelicidade, dependem antes dos sentimentos íntimos que das circunstâncias exteriores, há tantas gradações para cada um quantas as nuances de caracteres, gravitando cada indivíduo em seu próprio lugar, por uma lei natural de afinidade. Pode-se dividi-los em sete graus gerais ou esferas; mas estas devem compreender as variedades indefinidas, ou uma “infinidade de moradas”,

correspondentes aos caracteres diversos dos indivíduos, desfrutando cada ser de tanta felicidade quanto lhe permite o seu caráter.

11. – Que as comunicações do mundo dos Espíritos, quer sejam recebidas por impressão mental, por inspiração ou por qualquer outra maneira, não são, necessariamente, verdades infalíveis, mas, ao contrário, se ressentem inevitavelmente das imperfeições da inteligência das quais emanam e das vias pelas quais chegam; e que, além disso, são susceptíveis de receber uma falsa interpretação daqueles a quem são dirigidas.

12. – Segue-se que nenhuma comunicação inspirada, no tempo presente ou no passado (sejam quais forem as pretensões que possam, ou tenham podido ser apresentadas quanto à fonte), tem uma autoridade mais ampla que a de representar a verdade à consciência individual, sendo esta última o padrão final a que se devem referir, para o julgamento de todos os ensinamentos inspirados ou espirituais.

13. – Que a inspiração, ou a influência das idéias e das sugestões, vindas do mundo espiritual, não é um milagre dos tempos passados, mas um fato perpétuo, o método constante da economia divina para a elevação da raça humana.

14. – Que todos os seres angélicos ou demoníacos que se manifestaram ou que se intrometeram nos negócios dos homens no passado, eram simplesmente Espíritos humanos desencarnados, em diversos graus de progressão.

15. – Que todos os milagres autênticos (assim chamados) dos tempos passados, tais como a ressurreição dos que estavam mortos em aparência, a cura das moléstias pela imposição das mãos, ou outros meios igualmente simples, o contato inofensivo com venenos, o movimento de objetos materiais sem concurso visível, etc., etc., foram produzidos em harmonia com as

leis universais e, por conseguinte, podem repetir-se em todos os tempos, sob condições favoráveis.

16. – Que as causas de todo fenômeno – as fontes da vida, da inteligência e do amor – devem ser pesquisadas no domínio interior e espiritual, e não no domínio exterior e material.

17. – Que o encadeamento das causas tende inevitavelmente a remontar e a avançar para um Espírito infinito, que não só é um *princípio formador* (a sabedoria), mas *uma fonte de afeição* (o amor) – assim sustentando a dupla relação do parentesco, do pai e da mãe, de todas as inteligências finitas que, não obstante, são unidas por laços filiais.

18. – Que o homem, na condição de filho desse pai infinito, é sua mais alta representação nesta esfera de seres, sendo o homem perfeito a mais completa personificação da “*plenitude do Pai*” que podemos contemplar, e que cada homem, em virtude desse parentesco, é, ou tem em seus refolhos íntimos, um germe de divindade, uma porção incorruptível da essência divina, que o leva constantemente ao bem, e que, com o tempo, dominará todas as imperfeições inerentes à condição rudimentar ou terrestre, e triunfará sobre todo o mal.

19. – Que o mal é a falta mais ou menos grande da harmonia com esse princípio íntimo ou divino; e, contudo, quer o princípio se chame Cristianismo, Espiritualismo, Religião, Filosofia; quer se reconheça o “Espírito Santo”, a Bíblia ou a inspiração espiritual e celeste, tudo quanto ajuda o homem a submeter à sua natureza interna o que em si há de mais exterior, e a torná-lo harmonioso com ela, é um meio de triunfar sobre o mal.

---

Eis, pois, a base da crença dos espíritas americanos. Se não é a da totalidade, ao menos é a da maioria. Essa crença não é mais o resultado de um sistema preconcebido nesse país, do que o

Espiritismo na Europa. Ninguém a imaginou; viu-se, observou-se e tiraram-se conclusões. Lá, como aqui, não se partiu da hipótese dos Espíritos para explicar os fenômenos; mas dos fenômenos, como efeito, chegou-se aos Espíritos como causa, pela observação. Eis uma circunstância capital, que os detratores se obstinam em não levar em conta. Porque trazem consigo, com o pensamento, o desejo mesmo de não encontrar os Espíritos, imaginam que os espíritas deveriam ter tomado seu ponto de partida na idéia preconcebida dos Espíritos, e que a imaginação os faz ver em todo lugar. Como é, então, que tantas pessoas que neles não acreditavam se renderam à evidência? Há milhares de exemplos, na América como aqui. Muitos, ao contrário, passaram pela hipótese que o Sr. Chevillard julga ter inventado, e a ela não renunciaram senão depois de haverem reconhecido a sua impotência para tudo explicar. Ainda uma vez, não se chegou à afirmação dos Espíritos senão depois de haver experimentado todas as outras soluções.

Já foi possível notar as relações e as diferenças existentes entre as duas escolas, e para os que não se contentam com palavras vãs, mas vão ao fundo das idéias, a diferença se reduz a bem pouca coisa. Não se tendo copiado estas duas escolas, tal coincidência é um fato deveras notável. Assim, eis milhões de pessoas nos dois lados do Atlântico que observam um fenômeno e chegam ao mesmo resultado. É verdade que o Sr. Chevillard ainda não tinha passado por lá para apor o seu veto e dizer àqueles milhões de indivíduos, entre os quais há bom número que não passa por tolos: “Enganastes-vos; só eu possuo a chave desses estranhos fenômenos e vou dar ao mundo a sua solução definitiva.”

Para tornar a comparação mais fácil, vamos tomar a profissão americana, artigo por artigo, e comparar o que diz, sobre cada uma das proposições aí formuladas, a doutrina de *O Livro dos Espíritos*, publicado em 1857, e que também está desenvolvida em outras obras fundamentais.

Encontrar-se-á um resumo mais completo no capítulo II de *O que é o Espiritismo*:

1. – O homem possui uma alma ou Espírito, princípio inteligente, no qual residem o pensamento, a vontade, o senso moral, e do qual o corpo não é senão um envoltório material. O Espírito é o ser principal, preexistente e sobrevivente ao corpo, que não passa de um acessório temporário.

Quer durante a vida carnal, quer depois de a ter deixado, o Espírito é revestido de um corpo fluídico ou perispírito, que reproduz a forma do corpo material.

2. – O Espírito é imortal; só o corpo é perecível.

3. – Desprendidos do corpo carnal, os Espíritos constituem o mundo invisível ou espiritual, que nos rodeia e em cujo meio vivemos.

As transformações fluídicas produzem imagens e objetos tão reais para os Espíritos, eles próprios fluídicos, quanto o são as imagens e os objetos terrestres para os homens, que são materiais. Tudo é relativo em cada um desses mundos. (Vide *A Gênese segundo o Espiritismo*, capítulo dos fluidos e das criações fluídicas).

4. – A morte do corpo em nada modifica a natureza do Espírito, que conserva as aptidões intelectuais e morais adquiridas durante a vida terrena.

5. – O Espírito traz em si os elementos de sua felicidade ou de sua infelicidade; é feliz ou desgraçado em razão do grau de sua depuração moral; sofre as suas próprias imperfeições, cujas conseqüências naturais suporta, sem que a punição resulte de uma condenação especial ou individual.

A infelicidade do homem na Terra provém da inobservância das leis divinas. Quando conformar seus atos e suas instituições sociais a essas leis, será tão feliz quanto o comporte a sua natureza corporal.

6. – Nada do que o homem adquire durante a vida terrena em conhecimentos e em perfeições morais para ele é perdido; ele é, na vida futura, aquilo que realizou na vida presente.

7. – O progresso é a lei universal, em virtude da qual o Espírito progride indefinidamente.

8. – Os Espíritos estão em meio de nós; rodeiam-nos, vêem-nos, escutam-nos e participam, em certa medida, das ações dos homens.

9. – Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, são encontrados em todos os graus de saber e de ignorância, de bondade e de perversidade que existem na Terra.

10. – Segundo a crença vulgar, o céu e o inferno são lugares circunscritos de recompensas e punições. Segundo o Espiritismo, trazendo os Espíritos em si mesmos os elementos de sua felicidade ou de seus sofrimentos, são felizes ou infelizes em qualquer parte onde se encontrem; as palavras céu e inferno não passam de figuras que caracterizam um estado de felicidade ou de infelicidade.

Há, por assim dizer, tantos graus entre os Espíritos quantas as nuances nas aptidões intelectuais e morais. Todavia, se se considerarem os caracteres mais marcantes, podem ser agrupados em nove classes ou categorias principais, que se podem subdividir ao infinito, sem que essa classificação nada tenha de absoluta. (*O Livro dos Espíritos*; 2ª Parte, cap. I, nº 100 – “Escala Espírita”.)

À medida que os Espíritos avançam em perfeição, habitam mundos cada vez mais adiantados fisicamente e moralmente. Por certo é o que entendia Jesus por estas palavras: “Na casa de meu Pai há muitas moradas.” (Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. III.)

11. – Os Espíritos podem manifestar-se aos homens, de diversas maneiras: pela inspiração, pela palavra, pela vista, pela escrita, etc.

É um erro crer que os Espíritos têm a ciência infusa; seu saber, no espaço como na Terra, está subordinado ao seu grau de adiantamento, e há os que, sobre certas coisas, sabem menos que os homens. Suas comunicações estão em relação com os seus conhecimentos e, por isto mesmo, não poderiam ser infalíveis. O pensamento do Espírito pode, além disso, ser alterado pelo meio que ele atravessa para se manifestar.

Aos que perguntam para que servem as comunicações dos Espíritos, já que não sabem mais que os homens, responde-se, inicialmente, que servem para provar que os Espíritos existem e, por conseguinte, a imortalidade da alma; em segundo lugar, para nos ensinar onde se acham, o que são, o que fazem, e em que condições se é feliz ou desgraçado na vida futura; em terceiro lugar, para destruir os preconceitos vulgares sobre a natureza dos Espíritos e o estado das almas após a morte, coisas estas que não seriam sabidas sem as comunicações com o mundo invisível.

12. – As comunicações dos Espíritos são opiniões pessoais, que não devem ser aceitas cegamente. O homem não deve, em nenhuma circunstância, desprezar seu próprio julgamento e seu livre-arbítrio. Seria dar prova de ignorância e de leviandade aceitar como verdades absolutas tudo quanto vem dos Espíritos; eles dizem o que sabem. Cabe a nós submeter os seus ensinamentos ao controle da lógica e da razão.

13. – Sendo as manifestações a consequência do incessante contato dos Espíritos e dos homens, elas existiram em todos os tempos; estão na ordem das leis da Natureza e nada têm de miraculoso, seja qual for a forma sob a qual se apresentam. Pondo em contato o mundo material e o mundo espiritual, essas manifestações tendem a elevar o homem, provando-lhe que a Terra não é para ele nem o começo, nem o fim de todas as coisas, e que ele tem outros destinos.

14. – Os seres designados sob o nome de anjos ou de demônios não são criações especiais, distintas da Humanidade. Os anjos são Espíritos saídos da Humanidade e chegados à perfeição; os demônios são Espíritos ainda imperfeitos, mas que melhorarão.

Seria contrário à justiça e à bondade de Deus ter este criado seres perpetuamente votados ao mal, incapazes de voltar ao bem, e outros, privilegiados, isentos de todo trabalho para chegar à perfeição e à felicidade.

Segundo o Espiritismo, Deus não tem favores nem privilégios para nenhuma de suas criaturas; todos os Espíritos têm um mesmo ponto de partida e a mesma estrada a percorrer, para chegar, pelo trabalho, à perfeição e à felicidade. Uns chegaram: são os anjos ou Espíritos puros; os outros ainda estão na retaguarda: são os Espíritos imperfeitos. (Vide *A Gênese*, capítulos sobre os Anjos e os Demônios.)

15. – O Espiritismo não admite os milagres, no sentido teológico da palavra, visto como, segundo ele, nada se realiza fora das leis da Natureza. Certos fatos, supondo-os autênticos, só foram reputados miraculosos porque se ignoravam as suas causas naturais. O caráter do milagre é ser excepcional e insólito; quando um fato se reproduz espontaneamente ou facultativamente, é que está submetido a uma lei, e desde então já não é um milagre. Os fenômenos de dupla vista, de aparições, de presciência, de curas

pela imposição das mãos, e todos os efeitos designados sob o nome de manifestações físicas estão neste caso. (Vide, para o desenvolvimento completo desta questão, a segunda parte de *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*.)

16. – Todas as faculdades intelectuais e morais têm sua fonte no princípio espiritual, e não no princípio material.

17. – Depurando-se, o Espírito do homem tende a aproximar-se da Divindade, princípio e fim de todas as coisas.

18. – A alma humana, emanção divina, traz em si o germe ou princípio do bem, que é o seu objetivo final, e deve fazê-la triunfar das imperfeições inerentes ao seu estado de inferioridade na Terra.

19. – Tudo o que tende a elevar o homem, a desprender sua alma das constrações da matéria, quer sob a forma filosófica, quer sob a religiosa, é um elemento de progresso que o aproxima do bem, ajudando-o a vencer os seus maus instintos.

Todas as religiões conduzem a esse objetivo, por meios mais ou menos eficazes e racionais, conforme o grau de adiantamento dos homens, para a prática dos quais elas foram feitas.

---

Em que, então, o Espiritismo americano difere do Espiritismo europeu? Seria porque um se chama *Espiritualismo* e o outro *Espiritismo*? Questão pueril de palavras, sobre a qual seria supérfluo insistir. Dos dois lados a coisa é vista de um ponto de vista muito elevado para se prender a semelhante futilidade. Talvez ainda difiram em alguns pontos de forma e de detalhes, muito insignificantes, e que se devem mais aos meios e aos costumes de cada país, do que ao fundo da Doutrina. O essencial é que haja concordância sobre os pontos fundamentais, e é o que ressalta com evidência da comparação acima.

Ambos reconhecem o progresso indefinido da alma como a lei essencial do futuro; ambos admitem a pluralidade das existências sucessivas em mundos cada vez mais avançados. A única diferença consiste em que o Espiritismo europeu admite essa pluralidade de existências na Terra, até que o Espírito aqui tenha atingido o grau de adiantamento intelectual e moral que comporta este globo, após o que o deixa para outros mundos, onde adquire novas qualidades e novos conhecimentos. De acordo com a idéia principal, não diferem senão quanto a um dos modos de aplicação. Poderá estar aí uma causa de antagonismo entre gente que persegue um grande objetivo humanitário?

Aliás, o princípio da reencarnação na Terra não é peculiar ao Espiritismo europeu; era um ponto fundamental da doutrina druídica; em nossos dias foi proclamado antes do Espiritismo por ilustres filósofos, tais como Dupont de Nemours, Charles Fourier, Jean Reynaud, etc. Poder-se-ia fazer uma lista interminável de escritores de todas as nações, poetas, romancistas e outros que o afirmaram em suas obras; nos Estados Unidos citaremos Benjamin Franklin e a Sra. Beecher-Stove, autora de *A Cabana do Pai Tomás*.

Assim, nem somos o seu criador, nem o seu inventor. Hoje ele tende a tomar lugar na filosofia moderna, fora do Espiritismo, como única solução possível e racional de uma imensidade de problemas psicológicos e morais, até agora inexplicáveis. Não é aqui o lugar de discutir essa questão, para cujo desenvolvimento remetemos o leitor à introdução de *O Livro dos Espíritos*, e ao capítulo IV de *O Evangelho segundo o Espiritismo*. De duas, uma: esse princípio é verdadeiro, ou não o é; se é verdadeiro, é uma lei e, como toda lei da Natureza, não são as opiniões contrárias de alguns homens que o impedirão de ser uma verdade e de ser aceito.

Já explicamos muitas vezes as causas que se haviam oposto à sua introdução no Espiritismo americano; essas causas desaparecem dia a dia, e é do nosso conhecimento que já encontra numerosas simpatias naquele país. Aliás, o programa acima, dele não fala. Se não é proclamado, não é contestado. Pode-se mesmo dizer que ressalta implicitamente, como consequência inevitável de certas afirmações.

Em suma, como se vê, a maior barreira que separa os espíritas dos dois continentes é o oceano, através do qual podem perfeitamente dar-se as mãos.

O que faltou aos Estados Unidos foi um centro de ação para coordenar os princípios. Não existe, a bem dizer, corpo metódico de doutrina; ali se encontram, como se pode ser convencido, idéias muito justas e de alto alcance, mas sem ligação. É a opinião de todos os americanos que tivemos ocasião de ver, e é confirmado por um relato feito numa das convenções realizadas em Cleveland, em 1867, de onde extraímos as seguintes passagens:

“Na opinião de vossa comissão, o que hoje se chama Espiritualismo é um caos onde a verdade mais pura está incessantemente misturada aos erros mais grosseiros. Uma das coisas que mais servirão para o adiantamento da nova filosofia será o hábito de empregar bons métodos de observação. Recomendamos aos nossos irmãos e irmãs uma atenção levada ao escrúpulo em toda esta parte do Espiritualismo. Também os aconselhamos a desconfiarem das aparências e a nem sempre tomarem por um estado extático, ou por uma agitação oriunda do mundo espiritual, disposições de alma que podem ter sua origem na desordem dos órgãos, e em particular nas moléstias dos nervos e do fígado, ou em qualquer outra excitação completamente independente da ação dos Espíritos.

“Cada um dos membros da comissão já teve uma experiência muito longa desses fenômenos; já há dez ou quinze

anos, todos tínhamos sido testemunhas de fatos cuja origem extraterrestre não podia ser posta em dúvida, e que se impunham à razão. Mas todos estávamos igualmente convencidos de que uma grande parte do que se dá à multidão como manifestações espiritualistas são muito simplesmente passes de magia mais ou menos bem executados por falsários que disto se servem para explorar a credulidade pública.

“As observações que acabamos de fazer a respeito das habilidades qualificadas de manifestações, se aplicam por inteiro a todos os supostos médiuns, que se recusam a fazer suas experiências em qualquer lugar que não seja um quarto escuro: os Davenport, Fays, Eddies, Ferrises, Church, Srta. Vanwie e outros, que pretendem fazer coisas materialmente impossíveis, e se deixam passar como instrumentos dos Espíritos, sem trazerem a menor prova em apoio às suas operações. Depois de uma atenta investigação da matéria, estamos na obrigação de declarar que a obscuridade não é uma condição indispensável à produção dos fenômenos; que ela é reclamada como tal apenas pelos velhacos, e que não tem outra utilidade senão favorecer suas trapaças. Em consequência, aconselhamos as pessoas que se ocupam de Espiritualismo, a que renunciem à evocação dos Espíritos no escuro.

“Criticando uma prática que pode ser substituída sem esforço por modos de experimentação infinitamente mais probantes, não pretendemos infligir uma censura aos médiuns que o fazem de boa-fé, mas denunciar à opinião pública os charlatães que exploram uma coisa digna de todo o respeito. Queremos defender os verdadeiros médiuns e livrar a nossa gloriosa causa das imposturas que a desonram.

“Cremos nas manifestações físicas; elas são indispensáveis ao progresso do Espiritismo. São provas simples e claras que ferem, de início, aqueles a quem não cegam os preconceitos; são um ponto de partida para chegar à compreensão

das manifestações de ordem mais elevada, o caminho que conduziu a maior parte dos espiritualistas americanos do ateísmo ou da dúvida ao conhecimento da imortalidade da alma. (Extraído do *New-York Herald*, de 10 de setembro de 1867.)

## As Conferências do Sr. Chevillard

APRECIADAS PELO JORNAL *PARIS*

(Vide a *Revista Espírita* de março de 1869)

Lê-se no jornal *Paris*, de 7 de março de 1869, a propósito das conferências do Sr. Chevillard, sobre o Espiritismo:

“Ainda está na lembrança o alvoroço causado há alguns anos no mundo, pelo fenômeno das mesas girantes.

“Não havia família que não possuísse sua mesinha *animada*, nem círculo que não tivesse os seus *Espíritos familiares*; marcava-se dia para fazer a mesa girar, como hoje se marca encontro para uma  *festa surpresa*. Por um instante a curiosidade pública – atçada pelo clero a amedrontar as almas timoratas pelo espectro *abominável* de Satã – não conheceu limites e as mesas estalavam, sacudiam, dançavam, do subsolo à água-furtada, com uma obediência das mais meritórias.

“Pouco a pouco a febre cedeu, fez-se silêncio, a moda encontrou outros *divertimentos*, quem sabe? talvez *os quadros vivos*.

“Mas, afastando-se, a multidão deixava imóveis alguns cabeças-duras, apesar de tudo presos a essas manifestações singulares. Insensivelmente uma espécie de laço misterioso se estendia, correndo de um a outro. Os solitários da véspera se contavam no dia seguinte; logo uma vasta associação não fazia mais desses grupos esparsos senão uma só família, marchando, sob a

divisa de uma crença comum, à procura da verdade pelo Espiritismo.

“Parece que a esta hora o exército conta bastantes soldados aguerridos para que lhes dêem as honras do combate. E o Sr. Chevillard, depois de ter apresentado a *solução definitiva do problema espírita*, não hesitou em prosseguir o seu assunto numa nova conferência: *As ilusões do Espiritismo*.

“Por outro lado, o Sr. Desjardin, depois de ter falado dos *inovadores em Medicina*, ameaça bater dentro em pouco as teorias espíritas. Por certo os crentes responderão – os Espíritos não podem encontrar melhor ocasião para se afirmar. – É, pois, um despertar, uma luta que se trava.

“Hoje os espíritas são mais numerosos na Europa do que se supõe. Contam-se por milhões, sem falar dos que crêem e *não se gabam*. O exército recruta todos os dias novos adeptos. Que há de admirável? Não são cada vez mais numerosos os que choram e pedem às comunicações de um mundo melhor, a esperança do futuro?

“A discussão sobre este assunto parece que deve ser séria. Não é sem interesse tomar algumas notas desde o primeiro dia.

“O Sr. Chevillard é generoso; não nega os fatos; – afirma a boa-fé dos médiuns com os quais foi posto em contato; não sente qualquer embaraço em declarar que *ele mesmo* produziu os fenômenos de que fala. Aposta que os espíritas jamais se encontraram em semelhante festa, e eles não deixarão de tirar partido de tais concessões, – se podem opor ao Sr. Chevillard outra coisa além da sinceridade de sua convicção.

“Não nos cabe responder, mas apenas liberar desse conjunto de fatos algumas leis magnéticas que compõem a teoria

do conferencista. ‘As vibrações da mesa, diz ele, são produzidas pelo pensamento interno voluntário do médium, ajudado pelo desejo dos assistentes crédulos, sempre numerosos.’ Assim se acha formalmente indicado o fluido nervoso ou vital, com o qual o Sr. Chevillard estabelece a solução *definitiva* do problema espírita. ‘Todo fato espírita, acrescenta ele mais adiante, é uma sucessão de movimentos produzidos sobre um objeto inanimado por um magnetismo inconsciente.’

“Enfim, resumindo todo o seu sistema numa fórmula abstrata, ele afirma que ‘a idéia da ação voluntária mecânica se transmite pelo fluido nervoso, do cérebro até o objeto inanimado, que executa a ação na qualidade de órgão ligado pelo fluido ao ser que quer, seja a ligação por contato, seja a distância; mas o ser não tem a percepção de seu ato, porque não o executa por um esforço muscular.’

“Esses três exemplos são suficientes para indicar uma teoria, que, aliás, não temos que discutir, e sobre a qual talvez tenhamos que voltar mais tarde; mas, lembrando-nos de uma lição do Sr. E. Caro, na Sorbonne, de bom grado censuraríamos ao Sr. Chevillard o próprio título de sua conferência. Terá ele perguntado, logo de início, se nessas questões que escapam ao controle, à prova matemática – que não podem ser julgadas senão por dedução – a pesquisa das causas primeiras não é incompatível com as fórmulas da Ciência?

“O Espiritismo deixa larga margem à liberdade de raciocínio para poder depender da Ciência propriamente dita. Os fatos que se constatarem, sem dúvida maravilhosos, mas sempre idênticos, escapam a todo controle, e a convicção não pode nascer senão da multiplicidade das observações.

“A causa, digam o que disserem os iniciados, permanece um mistério para o homem que, friamente, pesa esses

fenômenos estranhos, e os crentes ficam reduzidos a fazer votos para que, mais cedo ou mais tarde, uma circunstância fortuita rompa o véu que oculta aos nossos olhos os grandes problemas da vida, e nos mostra radioso o deus desconhecido.”

*Pagès de Noyez*

Demos a nossa apreciação sobre o alcance das conferências do Sr. Chevillard em nosso número precedente, e seria supérfluo refutar uma teoria que, como dissemos, nada tem de novo, não importa como pense o autor. Que tenha seu sistema sobre a causa das manifestações, é direito seu; que o creia justo, é muito natural; mas que tenha a pretensão de dar, só ele, a solução *definitiva* do problema, é dizer que só a ele é dado a última palavra dos segredos da Natureza, e que, depois dele, nada mais há para ver, nada mais para descobrir. Qual o sábio que alguma vez pronunciou o *nec plus ultra* nas ciências? Há coisas que se podem pensar, mas nem sempre é correto proclamar muito alto.

Aliás, não vimos nenhum espírita inquietar-se com a pretensa descoberta do Sr. Chevillard; todos, ao contrário, fazem votos para que ele continue a sua aplicação até os últimos limites, sem omitir nenhum dos fenômenos que lhe possam opor; quereríamos, sobretudo, vê-lo resolver *definitivamente* estas duas questões:

– Em que se tornam os Espíritos dos homens após a morte?

– Em virtude de que lei esses mesmos Espíritos, que agitavam a matéria durante a vida do corpo, *não podem mais* agitá-la depois da morte e manifestar-se aos vivos?

Se o Sr. Chevillard admite que o Espírito é distinto da matéria e sobrevive ao corpo, deve admitir que o corpo é o instrumento do Espírito nos diferentes atos da vida; que ele

obedece à vontade do Espírito. Desde que admita que, pela transmissão do fluido elétrico, as mesas, os lápis e outros objetos se tornam apêndices do corpo e, assim, obedecem ao pensamento do Espírito encarnado, por que, por uma corrente elétrica análoga, não poderiam obedecer ao pensamento de um Espírito desencarnado?

Entre os que admitem a realidade dos fenômenos, quatro hipóteses foram emitidas sobre sua causa, a saber: 1º A ação exclusiva do fluido nervoso, elétrico, magnético ou qualquer outro; 2º O reflexo do pensamento dos médiuns e dos assistentes, nas manifestações inteligentes; 3º A intervenção dos demônios; 4º A continuidade das relações dos Espíritos humanos, desprendidos da matéria, com o mundo corporal.

Desde a origem do Espiritismo essas quatro proposições têm sido preconizadas e discutidas sob todas as formas, em numerosos escritos, por homens de valor incontestável. Assim, não faltou a luz da discussão. Como é que, desses diversos sistemas, o dos Espíritos tenha encontrado mais simpatias? que só ele prevaleceu e é hoje o único admitido pela imensa maioria dos observadores em todos os países do mundo? que todos os argumentos de seus adversários, após mais de quinze anos, não puderam triunfar, se são a expressão da verdade?

É ainda uma questão interessante a resolver.

## A Criança Elétrica

Vários jornais reproduziram o seguinte fato:

O vilarejo de Saint-Urbain, nos confins do Loire e do Ardèche, está em polvorosa. Escrevem-nos que ali se passam coisas estranhas. Uns as imputam ao diabo, outros aí vêem o dedo de Deus, marcando com o selo da predestinação uma de suas criaturas privilegiadas.

Eis em poucas palavras, diz o *Memorial de la Loire*, de que se trata:

“Há cerca de quinze dias nasceu nesta aldeia uma criança que, desde a sua entrada no mundo, tem manifestado as mais admiráveis virtudes, os sábios diriam as mais singulares propriedades. Apenas batizada, tornou-se impalpável e intangível! Intangível, não como a sensitiva, mas à maneira de uma garrafa de Leyde carregada de eletricidade, que não se pode tocar sem sentir uma viva comoção. E, depois, é luminosa! De suas extremidades escapam, por momentos, eflúvios brilhantes, que a fazem assemelhar-se a uma lucíola.

“À medida que o bebê se desenvolve e se fortifica, esses curiosos fenômenos se acentuam com mais energia e intensidade. Até se produzem novos. Conta-se, por exemplo, que em certos dias, quando se aproxima das mãos e dos pés da criança algum objeto de pequeno volume, como uma colher, uma faca, uma xícara, mesmo um prato, esses utensílios são tomados de um frêmito e de uma vibração sutis, que nada pode explicar.

“É particularmente à tardinha e à noite que esses fatos extraordinários se acentuam, tanto em estado de sono, quanto em vigília. Por vezes, então – e aqui raia ao prodígio – o berço parece encher-se de uma claridade esbranquiçada, semelhante a essas belas fosforescências que tomam as águas do mar na esteira dos navios, e que a Ciência ainda não explicou perfeitamente.

“E, contudo, o menino não parece absolutamente incomodado com as manifestações de que sua minúscula pessoa é misterioso teatro. Mama, dorme, passa muito bem e nem é menos chorão nem mais impaciente que os seus semelhantes. Tem dois irmãozinhos de quatro e cinco anos, que nasceram e vivem à maneira dos mais vulgares pequerruchos.

“Acrescente-se que os pais, simples agricultores, o marido com quase quarenta anos e a mulher chegando aos trinta, são os esposos menos elétricos e menos luminosos do mundo. Só brilham por sua honestidade e o cuidado com que criam a pequena família.

“Chamaram o cura da comuna vizinha, que declarou, após longo exame, não compreender absolutamente nada disso; depois o cirurgião, que apalpou, tornou a apalpar, virou, revirou, ascultou e percutiu o paciente, sem querer pronunciar-se claramente, mas que prepara um douto relatório à Academia, do qual se falará no mundo médico.

“Um astucioso da região, e os há em toda parte, farejando aí uma boa especulaçãozinha, propôs alugar a criança à razão de 200 fr. por mês, para mostrá-la nas feiras. É um belo negócio para os pais. Mas, naturalmente o pai e a mãe querem acompanhar um filho tão precioso – a 2 francos por dia – e esta condição ainda impede a conclusão do negócio.

“O correspondente que nos dá esses estranhos detalhes nos certifica, sobre a sua honra, que são a mais exata verdade e que teve o cuidado de mandar subscrever sua carta pelos quatro maiores proprietários da região.”

Certamente nenhum espírita verá neste fato algo de sobrenatural nem miraculoso. É um fenômeno puramente físico, uma variante, quanto à forma, do que apresentam as pessoas ditas elétricas. Sabe-se que certos animais, como o peixe-elétrico e o gimnoto, têm propriedades análogas.

Eis a instrução dada a respeito por um dos guias instrutores da Sociedade de Paris:

“Como temos dito freqüentemente, os mais singulares fenômenos se multiplicam dia a dia, para atrair a atenção da

Ciência. O menino em questão é, pois, um instrumento, mas não foi escolhido para esse efeito senão em virtude da situação criada em seu passado. Por mais excêntrico que seja, em aparência, um fenômeno qualquer, produzido num encarnado, tem sempre como causa imediata a situação inteligente e moral desse encarnado e uma relação com seus antecedentes, já que todas as existências são solidárias. Sem dúvida é um assunto de estudo para os que o testemunham, mas secundariamente. É, sobretudo, para aquele que dele é objeto, uma provação ou uma expiação. Há, pois, o fato material, que é da alçada da Ciência, e a causa moral, que pertence ao Espiritismo.

“Mas, objetareis, como semelhante estado pode ser uma provação para uma criança dessa idade? Para a criança, não, seguramente, mas para o Espírito, que não tem idade, a provação é certa.

“Achando-se, como encarnado, numa situação excepcional, cercado de uma auréola física, que não passa de uma máscara, mas que deveria passar aos olhos de certa gente por um sinal de santidade ou de predestinação, desprendido durante o sono, o Espírito se orgulha da impressão que produz. Era um taumaturgo de uma espécie particular, que passou sua última existência a representar uma santa personagem, em meio aos prodígios que se tinha exercitado a realizar, e que quis continuar seu papel nesta existência. Para atrair o respeito e a veneração, quis nascer, como criança, em condições excepcionais. Se viver, será um falso profeta do futuro, e não será o único.

“Quanto ao fenômeno em si, é certo que terá pouca duração. A Ciência deve, pois, apressar-se, se o quiser estudar *de visu*; mas nada fará, temerosa de encontrar dificuldades embaraçosas. Contentar-se-á em considerar o menino como um peixe-elétrico humano.”

## Um Cura Médium Curador

Um dos nossos assinantes do Departamento dos Hautes-Alpes escreve-nos o seguinte:

“Desde algum tempo se fala muito, no vale do Queyras, de um vigário que, sem estudos médicos, cura uma multidão de pessoas de várias afecções. Há muito tempo que age assim, e dizem que augustas personagens o consultaram, quando era chefe de outra paróquia nos Basses-Alpes. Suas curas tinham dado que falar, e dizem que, por punição, fora enviado como cura a La Chalpe, comuna vizinha de Abriès, na fronteira do Piemonte. Lá continuou a ser útil à Humanidade, aliviando e curando, como no passado.

“Para os espíritas isto nada tem de admirável. Se vos falo do caso é porque no vale do Queyras, como alhures, ele faz muito barulho. Como todos os médiuns curadores sérios, nunca aceita nada. Segundo me disseram, S. M. a imperatriz herdeira da Rússia lhe teria oferecido várias notas de banco, que ele recusou, rogando que as pusesse na caixa de esmolas, caso as quisesse dar para sua Igreja.

“Um outro indivíduo colocou um dia, disfarçadamente, uma moeda de vinte francos entre os seus papéis; quando ele o percebeu, fê-lo voltar, sob pretexto de novas indicações a lhe dar, e lhe devolveu o seu dinheiro.

“Uma porção de pessoas fala dessas curas *de visu*; outras não acreditam. Sei do fato através de pessoas que são as menos convenientes.

“Tinham denunciado o cura por exercício ilegal da Medicina; dois policiais se apresentaram em sua casa para levá-lo à autoridade. Ele lhes disse: ‘Eu vos seguirei; mas, um instante, por favor, porque não comi. Almoçai comigo e me vigiaredes.’ Durante a refeição, ele disse a um dos policiais: – ‘Estais doente. – Doente?’

agora nem tanto; há três meses, nada digo. – Pois bem! sei o que tendes; e, se quiserdes, posso curar-vos já, se fizerdes o que eu disser.’ Negociaram e a proposta foi aceita.

“O cura mandou suspender o policial pelos pés, de modo que suas mãos tocassem a terra e o sustentassem; colocou sob sua cabeça uma tigela de leite quente e lhe administrou o que se chama uma fumigação de leite. Ao cabo de alguns minutos, uma cobrinha, dizem uns, um grande verme, segundo outros, cai na tigela. Reconhecido, o policial pôs a cobra numa garrafa e conduziu o cura ao magistrado, ao qual explicou o seu caso, após o que o cura foi posto em liberdade.

“Eu teria desejado muito ver esse cura, acrescenta o nosso correspondente, mas a neve de nossas montanhas torna os caminhos muito difíceis nesta estação; sou obrigado a me contentar com as informações que vos transmito. A conclusão de tudo isto é que esta faculdade se desenvolve e os exemplos se multiplicam. Na comuna que vos cito, e em nosso vale, isto produz um grande efeito. Como sempre, uns dizem: *Charlatão*; outros, *demônio*; outros ainda, *feiticeiro*. Mas os fatos aí estão, e não pude perder a ocasião para dizer a minha maneira de pensar, explicando que os fatos desse gênero nada têm de sobrenatural, nem de diabólico, como se têm visto milhares de exemplos, desde os tempos mais remotos, e que é um modo de manifestação do poder de Deus, sem que haja derrogação de suas leis eternas.”

## Variedades

### OS MILAGRES DO BOIS-d’HAINE

O *Progrès thérapeutique*, jornal de Medicina, em seu número de 1º de março de 1869, dá conta de um fenômeno bizarro, tornado objeto de curiosidade pública no burgo de Bois-d’Haine, na Bélgica. Trata-se de uma jovem de 18 anos, que todas as sextas-

feiras, de 1:30 às 4:30, cai num estado de êxtase cataléptico; nesse estado fica deitada, braços estendidos, um pé sobre o outro, na posição de Jesus na cruz.

A insensibilidade e a rigidez dos membros foram constatadas por vários médicos. Durante a crise, cinco chagas se abrem nos mesmos lugares onde se localizavam as do Cristo, e deixam gotejar sangue verdadeiro. Depois da crise, o sangue pára de correr, as chagas se fecham e são cicatrizadas em vinte e quatro horas. Durante os acessos, diz o Dr. Beaucourt, autor do artigo, o reverendo padre Serafim, presente às sessões, graças ao ascendente que tem sobre a doente, tem o poder de despertá-la de seu êxtase. Acrescenta: “Todo homem que não for ateu deve, para ser lógico, admitir que aquele que estabeleceu as leis admiráveis, tanto físicas quanto fisiológicas que regem a Natureza, também pode, à vontade, suspender ou mudar momentaneamente uma ou várias dessas leis.”

Como se vê, é um milagre em todas as suas regras, e uma repetição do das *estigmatizadas*. Como os milagres, segundo a Igreja, não são da alçada do Espiritismo, julgamos supérfluo levar mais longe a pesquisa das causas do fenômeno, e isto tanto mais quanto outro jornal disse, depois, que o bispo da diocese tinha interditado toda exibição.

## O Despertar do Sr. Luís

No número precedente publicamos o relato do estado singular de um Espírito que julgava sonhar. Enfim despertou, e o anunciou espontaneamente, na comunicação seguinte:

(Sociedade de Paris, 12 de fevereiro de 1869 – Médium: Sr. Leymarie)

Decididamente, senhores, malgrado meu, é preciso que eu abra os olhos e os ouvidos; é preciso que escute e veja. Por mais

que negue e declare que sois maníacos, muito corajosos, mas muito inclinados aos devaneios, às ilusões, é preciso, confesso, apesar dos meus ditos, que finalmente eu saiba que não sonho mais. Acerca disto, estou certo, completamente certo. Venho à vossa casa todas as sextas-feiras, dias de reunião e, de tanto ouvir repetir, quis saber se esse famoso sonho se prolongaria indefinidamente. O amigo Jobard se encarregou de me edificar a respeito, e isto com provas sólidas.

Não pertenço mais à Terra; estou morto; vi o luto dos meus, o pesar dos amigos, o contentamento de alguns invejosos e agora venho ver-vos. Meu corpo não me seguiu; está mesmo lá, no seu recanto, no meio do esterco humano; e, com ou sem apelo, hoje venho a vós, não mais com despeito, mas com o desejo e a convicção de me esclarecer. Discirno perfeitamente; vejo o que fui; percorro com Jobard distâncias imensas: então vivo; concebo, combino, possuo minha vontade e meu livre-arbítrio: assim, nem tudo morre. Não éramos, pois, uma agregação inteligente de moléculas e todas as salmodias sobre a inteligência da matéria não passavam de frases vazias e sem consistência.

Ah! crede, senhores, se meus olhos se abrem, se entrevejo uma verdade nova, não é sem sofrimentos, sem revoltas, sem retornos amargos!

É, pois, muito verdadeiro! O Espírito permanece! Fluido inteligente, pode, sem a matéria, viver sua vida própria, etérea, segundo a vossa expressão: semimaterial. Por vezes, entretanto, eu me pergunto se o sonho fantástico que eu tinha há mais de um mês não continua com peripécias novas, inauditas; mas o raciocínio frio, impassível de Jobard força-me a mão e, quando resisto, ele ri e se deleita em me confundir; todo contente, cumula-me de epigramas e ditos alegres! Por mais que eu me rebele e me revolte, é preciso obedecer à verdade.

O Desnoyers da Terra, o autor de *Jean-Paul Chopard* ainda está vivo e seu pensamento ardente abarca outros horizontes. Outrora ele era liberal e terra-a-terra, ao passo que agora aborda e abraça problemas desconhecidos, maravilhosos; e, diante dessas novas apreciações, senhores, tende a bondade de me perdoar as expressões um tanto levianas, porque, se eu não tinha razão completamente, bem poderíeis estar um pouco errados.

Desejo refletir, reconhecer-me definitivamente, e se o resultado de minhas pesquisas sérias me conduzir às vossas idéias, hei de esperar, mas já não será para me dar um tiro nos miolos.

Até outra vez, senhores.

*Luis Desnoyers*

O mesmo Espírito deu espontaneamente a comunicação seguinte, a propósito da morte de Lamartine.

(Sociedade de Paris, 5 de março de 1869 – Médiun: Sr. Leymarie)

Sim, senhores, nós morremos mais ou menos esquecidos; pobres seres, vivemos confiantes nos órgãos que transmitem os nossos pensamentos. Queremos a vida com suas exuberâncias, fazemos uma multidão de projetos. Neste mundo a nossa passagem pode ter tido a sua repercussão e, chegada a última hora, todos esses ruídos, todo esse barulhinho, nossa soberba, nosso egoísmo, nosso labor, tudo é engolido na massa. É uma gota d'água no oceano humano.

Lamartine era um grande e nobre espírito, cavalheiresco, entusiasta, um verdadeiro mestre na acepção da palavra, um diamante puro, bem lapidado; era belo, grande; tinha o olhar, tinha o gesto do predestinado; sabia pensar, escrever; sabia falar; era um inspirado, um transformador!... Poeta, mudou o impulso da literatura, emprestando-lhe suas asas prodigiosas;

homem, governou um povo, uma revolução, e suas mãos se retiraram puras do contato com o poder.

Ninguém mais que ele foi amado, estimado, bendito, adorado; e quando vieram os cabelos brancos, quando o desânimo tomou o belo velho, o lutador dos grandes dias, não lhe perdoaram mais um instante de desfalecimento. A própria França estava desfalecida e esbofeteou o poeta, o grande homem; quis menoscabá-lo, esse lutador de duas revoluções, e o esquecimento, repito, parecia enterrar essa grande e magnânima figura! Ele está morto e bem morto, pois o acolhi no além-túmulo, com todos os que o tinham apreciado e estimado, malgrado o ostracismo, do qual a juventude das escolas fazia uma arma contra ele.

Estava transfigurado, sim, senhores, pela dor de ter visto os que o tinham tanto amado recusar-lhe o devotamento que, no entanto, ele nunca soube recusar em outros tempos, enquanto os vencedores lhe estendiam as mãos. O poeta havia se tornado filósofo, e esse pensador amadurecia sua alma dolorida para a grande prova. Via melhor; pressentia tudo, tudo o que esperais, senhores, e tudo o que eu não esperava.

Mais que ele, sou um vencido; vencido pela morte, vencido em vida pela necessidade, esse inimigo inacessível que nos importuna como um corrosivo; e muito mais vencido hoje, porque venho inclinar-me ante a verdade.

Ah! se para a França hoje reluz uma grande verdade; se a França de 89, se a mãe de tantos gênios desaparecidos recomeça a sentir que um de seus mais caros filhos, o bom, o nobre Lamartine desapareceu, hoje sinto que para ele nada está morto; sua lembrança está em toda parte; as ondas sonoras de tantas lembranças comovem o mundo. Ele era imortal entre vós, mas muito mais ainda entre nós, onde está realmente transfigurado. Seu Espírito resplandece, e Deus pode receber o grande desconhecido.

De agora em diante Lamartine pode abarcar os mais vastos horizontes e cantar os hinos grandiosos que o seu grande coração havia sonhado. Pode preparar o vosso futuro, meus amigos, e acelerar conosco as etapas humanitárias. Mais que nunca poderá ver desenvolver-se em vós esse ardente amor pela instrução, pelo progresso, pela liberdade e pela associação, que são os elementos do futuro. A França é uma iniciadora; ela sabe o que pode; quererá, ousará, quando sua juba poderosa tiver sacudido o formigueiro que vive a expensas de sua virilidade e de sua grandeza.

Poderei eu, como ele, ganhar minha auréola e tornar-me resplandecente de felicidade, ver-me regenerar por vossa crença, cuja grandeza hoje compreendo? Para vós Deus me marcou como uma ovelha desgarrada; obrigado, senhores. Ao contato dos mortos tão lamentados, sinto-me viver e em breve direi convosco na mesma prece: A morte é a glória; a morte é a vida.

*Louis Desnoyers*

*Observação* – Uma senhora, membro da Sociedade, que conhecia particularmente o Sr. Lamartine, e tinha assistido aos seus últimos momentos, acabava de dizer que, depois de sua morte, sua fisionomia se havia literalmente transfigurado, que não tinha mais a decrepitude da velhice. É a essa circunstância que o Espírito aludia.

## Dissertações Espíritas

LAMARTINE

(Sociedade Espírita de Paris, 14 de março de 1869  
– Médiun: Sr. Leymarie)

Um amigo, um grande poeta, escrevia-me em dolorosa circunstância: “Ela é sempre vossa companheira, invisível, mas presente; perdeste a mulher, mas não a alma! Caro amigo, vivamos nos mortos!” Pensamento consolador, salutar, que reconforta na

luta e faz pensar incessantemente nesta sucessão ascendente da matéria, nesta unidade na concepção de tudo o que é, neste maravilhoso e incomparável obreiro que, para a continuidade do progresso, liga o Espírito a esta matéria, espiritualizada, por sua vez, pela presença do elemento superior.

Não, minha bem-amada, não perdi tua alma, que vivia gloriosa, cintilante de todas as claridades do mundo invisível. Minha vida é um protesto vivo contra o flagelo ameaçador do ceticismo, sob suas múltiplas formas. Ninguém, mais que eu, afirmou energicamente a personalidade divina e acreditou na personalidade humana, defendendo a liberdade. Se o pensamento do infinito estava desenvolvido em mim, se a presença divina palpita em páginas entusiastas, é que eu devia abrir minha trilha; é que eu vivia da presença de Deus, e essa fonte, jorrando incessantemente, sempre me fez crer no bem, no belo, na retidão, no devotamento, na honra do indivíduo e, mais ainda, na honra da nação, essa individualidade condensada. É que minha companheira era uma natureza de escol, forte e terna. Junto dela compreendi a natureza da alma e suas íntimas relações com a estátua de carne, essa maravilha! Por isso, meus estudos eram espiritualizados, por conseguinte fecundos e rápidos, voltando-se incessantemente para as formas do belo e a paixão das letras. Casei a Ciência ao pensamento, a fim de que a Filosofia, em mim, pudesse servir-se desses dois preciosos instrumentos poéticos.

Às vezes minha forma era abstrata e não estava ao alcance de todos; mas os pensadores sérios a adotaram; todos os grandes espíritos de minha época me abriram suas fileiras. A ortodoxia católica me olhava como uma ovelha fugindo do rebanho do pastor romano, sobretudo quando, levado pelos acontecimentos, partilhei a responsabilidade de uma revolução gloriosa.

Arrastado um momento pelas aspirações populares, por esse poderoso sopro de idéias comprimidas, eu não era mais o

homem das grandes situações; tinha terminado minha caminhada, e, para mim soavam, no relógio do tempo, as horas de lassidão e de desânimo. Vi o meu calvário, e enquanto Lamartine o subia penosamente, os filhos desta França tão amada lhe cuspiam no rosto, sem respeito por seus cabelos brancos, o ultraje, o desafio, a injúria.

Prova solene, senhores, na qual a alma se retempera e se corrige, porque o esquecimento é a morte, e a morte na Terra é o comércio com Deus, esse dispensador judicioso de todas as forças!

Morri como cristão; tinha nascido na Igreja, parto antes dela! Há um ano, eu tinha uma profunda intuição. Falava pouco, mas viajava sem cessar pelas planícies etéreas, onde tudo se refunde sob o olhar do Senhor dos mundos; o problema da vida se desdobrava majestosamente, gloriosamente. Compreendi o pensamento de Swedenborg e da escola dos teósofos, de Fourier, de Jean Reynaud, de Henri Martin, de Victor Hugo, e o Espiritismo, que me era familiar, embora em contradição com os meus preconceitos e o meu nascimento, preparavam-me para o desligamento, para a partida. A transição não foi penosa; como o pólen de uma flor, meu Espírito, levado por um turbilhão, encontrou a planta irmã. Como vós, eu a chamo erraticidade; e, para me fazer amar esta irmã desejada, minha mãe, minha esposa bem-amada, uma multidão de amigos e de invisíveis me cercavam como uma auréola luminosa. Mergulhado nesse fluido benfazejo, meu Espírito se serenava, como o corpo desse viajor do deserto que, após longa viagem sob um céu de chumbo e de fogo, encontrava um banho generoso para o corpo, uma fonte límpida e fresca para a sua sede ardente.

Alegrias inefáveis do céu sem limites, concertos de todas as harmonias, moléculas que repercutem os acordes da ciência divina, calor vivificante de suas impressões sem nome que

a língua humana não poderia decifrar, bem-estar novo, renascimento, completa elasticidade, elétrica profundidade das certezas, similitude das leis, calma cheia de grandeza, esferas que encerram as humanidades, oh! sede bem-vindas, emoções previstas, aumentadas indefinidamente de radiações do infinito!

Permutai vossas idéias, espíritas, que acreditais em nós. Estudai nas fontes sempre novas do nosso ensino; firmai-vos, e que cada membro da família seja um apóstolo que fale, marche e aja com vontade, com a certeza de que não dais nada ao desconhecido. Sabei muito para que vossa inteligência se eleve. A ciência humana, reunida à ciência dos vossos auxiliares invisíveis, mas luminosos, vos fará senhores do futuro. Expulsareis a sombra para vir a nós, isto é, à luz, a Deus.

*Alphonse de Lamartine*

**CHARLES FOURIER**

Um discípulo de Charles Fourier, que também é espírita, ultimamente nos dirigiu uma evocação com o pedido de solicitar uma resposta, se fosse possível, a fim de se esclarecer sobre certas questões. Como ambas nos pareceram instrutivas, transcrevemo-las a seguir.

(Paris – Grupo Desliens, 9 de março de 1869)

“Irmão Fourier,

“Do alto da esfera ultramundana, se teu Espírito pode me ver e me ouvir, eu te peço comunicar-te comigo, a fim de me fortaleceres na convicção que tua admirável teoria dos quatro movimentos fez nascer em mim sobre a lei da harmonia universal, ou de me desenganares, se tiveste a infelicidade, tu mesmo, de te enganares. – A ti, cujo gênio incomparável parece ter levantado a cortina que ocultava a Natureza, e cujo Espírito deve ser mais

lúcido ainda do que o era no mundo material, eu te peço que me digas se reconheces, no mundo dos Espíritos, como na Terra, a existência de perturbação da ordem natural estabelecida por Deus, em nossa organização social; se as atrações passionais são realmente a alavanca de que Deus se serve para conduzir o homem ao seu verdadeiro destino; se a analogia é um meio seguro para descobrir a verdade.

“Peço-te que também me digas o que pensas das sociedades cooperativas que germinam de todos os lados na superfície do nosso globo. Se teu Espírito pode ler no pensamento do homem sincero, tu deves saber que a dúvida o torna infeliz; eis por que te suplico, de tua morada de além-túmulo, a gentileza de fazer tudo quanto dependa de ti para me convencer.

“Recebe, irmão nosso, a segurança do respeito que devo à tua memória e de minha maior veneração.”

J. G.

*Resposta* – É uma pergunta muito grave, caro irmão em crença, perguntar a um homem se ele se enganou, quando um certo número de anos se passou desde que ele expôs o sistema que melhor satisfazia às suas aspirações para o desconhecido! Enganei-me?... Quem não se enganou quando quis levantar, apenas com as próprias forças, o véu que lhe ocultava o fogo sagrado! Prometeu fez homens com esse fogo, mas a lei do progresso condenou esses homens às lutas físicas e morais. Eu fiz um sistema, destinado, como todos os sistemas, a viver um tempo, depois se transformar, associar-se a novos elementos mais verdadeiros. Vede, há idéias como homens. Desde que nasceram, não morrem: transformam-se. Grosseiras a princípio, envoltas na ganga da linguagem, encontram sucessivamente artífices que as talham e as vão polindo cada vez mais, até que o calhau informe se tenha tornado o diamante de vivo brilho, a pedra preciosa por excelência.

“Busquei conscienciosamente e achei muito. Apoiando-me nos princípios adquiridos, fiz avançar alguns passos o pensamento inteligente e regenerador. O que descobri era verdadeiro em princípio; falsei-o, ao querer aplicá-lo. Quis criar a série, estabelecer harmonias; mas essas séries, essas harmonias não precisavam de criador; existiam desde o começo; eu não podia senão perturbá-las, querendo estabelecê-las sobre as pequenas bases de minha concepção, quando Deus lhes havia dado o Universo por gigantesco laboratório.

“Meu mais sério título, e o que ignoram e talvez mais desdenhem, é ter partilhado com Jean Reynaud, Ballanche, Joseph de Maistre e muitos outros, o pressentimento da verdade; é ter sonhado com essa regeneração humana pela provação, essa sucessão de existências reparadoras, essa comunicação do mundo livre e do mundo encadeado à matéria, que tendes a felicidade de tocar com o dedo. Tínhamos previsto e realizais o nosso sonho. Eis os nossos maiores títulos de glória, os únicos que, por minha parte, estimo e dos que mais me lembro.

“Dizeis que duvidais, meu amigo! tanto melhor; porque aquele que duvida verdadeiramente, procura; e aquele que procura, encontra. Procurai, pois, e se não depender senão de mim pôr a convicção em vossas mãos, contaí com o meu concurso devotado. Mas escutai um conselho de amigo, que pus em prática em minha vida e com o qual sempre me dei bem: ‘Se quiserdes uma demonstração séria de uma lei universal, buscai a sua aplicação individual. Quereis a verdade? Buscai-a em vós mesmos e na observação dos fatos de vossa própria vida. Todos os elementos da prova lá estão. Que aquele que queira saber se examine, e encontrará.’”

## Bibliografia

### HÁ UMA VIDA FUTURA?

*Opiniões diversas sobre este assunto, colhidas e ordenadas por um Fantasma*<sup>11</sup>

Para o maior número, não oferecendo dúvida a vida futura, uma demonstração se torna de certo modo supérflua, porque é mais ou menos como se se quisesse provar que o Sol se levanta todas as manhãs. Entretanto, como há cegos que não vêem o Sol se levantar, é bom saber como se lhes pode provar; ora, é a tarefa que empreendeu o Fantasma, autor deste livro. Este Fantasma é um ilustre engenheiro, que conhecemos de nome, por outras obras filosóficas que trazem o seu nome; mas, como não quis associá-lo ao nome por que era conhecido, não nos julgamos no direito de cometer uma indiscrição, embora saibamos perfeitamente que ele não faz nenhum mistério de suas crenças.

Este livro prova, uma vez mais, que a Ciência não conduz fatalmente ao materialismo, e que um matemático pode ser um firme crente em Deus, na alma, na vida futura em todas as suas conseqüências.

Não é uma simples profissão de fé, mas uma demonstração digna de um matemático, por sua lógica cerrada e irresistível. Também não é uma dissertação árida e dogmática, mas uma polêmica orientada sob a forma de conversação familiar, na qual os prós e os contras são imparcialmente discutidos.

Conta o autor que, assistindo ao enterro de um de seus amigos, pôs-se a conversar em caminho com vários convidados. A circunstâncias e as peripécias da cerimônia levaram a conversa para a sorte do homem após a morte. Inicialmente ela se travou com um niilista, ao qual ele se propôs demonstrar a realidade da vida futura

11 1 vol. in-12; 3 fr.

por argumentos encadeados com uma arte admirável e, sem o chocar ou ferir, conduzi-lo naturalmente às suas idéias.

Junto ao túmulo são pronunciados dois discursos num sentido diametralmente oposto sobre a questão do futuro, e produzem impressões diferentes. De volta, os novos interlocutores se juntam aos dois primeiros; acordam reunir-se em casa de um deles, e lá se trava uma polêmica séria, na qual as diversas opiniões fazem valer as razões sobre as quais se apóiam.

Este livro, cuja leitura é atraente, tem todo o encanto de uma história, e toda a profundidade de uma tese filosófica. Adiantaremos que, entre os princípios que preconiza, não encontramos um só em contradição com a Doutrina Espírita, na qual o autor deve ter-se inspirado.

A necessidade da reencarnação para o progresso, sua evidência, sua concordância com a justiça de Deus, a expiação e a reparação pelo reencontro dos que se prejudicaram numa precedente existência, aí são demonstradas com uma clareza surpreendente. Vários exemplos citados provam que o esquecimento do passado, na vida de relação, é um benefício da Providência, e que esse esquecimento momentâneo não impede tirar proveito da experiência do passado, visto que a alma se recorda nos momentos de desprendimento.

Eis, em poucas palavras, um dos fatos contados por um dos interlocutores e que, segundo ele, lhe é pessoal:

Era aprendiz numa grande fábrica; por sua conduta, inteligência e caráter, granjeou a estima e a amizade do patrão que, em consequência, o torna sócio de sua casa. Vários fatos, dos quais então não se dava conta, provam nele a percepção e a intuição das coisas durante o sono; essa faculdade até lhe serviu para prevenir um acidente que poderia ter consequências desastrosas para a fábrica.

A filha do patrão, encantadora menina de oito anos, lhe testemunhava afeição e se divertia com ele; mas, cada vez que ela se aproximava, ele sentia um frio glacial e uma repulsa instintiva; seu contato lhe fazia mal. Pouco a pouco, no entanto, tal sentimento se abrandou, depois se apagou. Mais tarde a desposou. Ela era boa, afetuosa, previdente e a união era muito feliz.

Uma noite ele teve um sonho horrível. Via-se na sua precedente encarnação; sua mulher se havia conduzido de maneira indigna e tinha sido a causa de sua morte, mas, coisa estranha! ele não podia dissociar a idéia dessa mulher da sua atual esposa; parecia-lhe que era a mesma pessoa. Perturbado por essa visão ao despertar, ficou triste; pressionado pela mulher para lhe dizer a causa, decidiu-se a contar o seu pesadelo. “É singular, disse ela, tive um sonho semelhante, e eu é que era a culpada.” As circunstâncias fazem que ambos reconheçam não estarem unidos pela primeira vez; o marido explica a repulsa que tinha pela esposa, quando esta era menina; a mulher redobra de cuidados para apagar o passado; mas já está perdoada, porque a reparação se deu e o enlace continua a ser próspero.

Daí a conclusão: que esses dois seres se encontravam novamente unidos, um para reparar, o outro para perdoar; que se tivessem tido a lembrança do passado, teriam fugido um do outro e perdido o benefício, um o da reparação, o outro o do perdão.

Para dar uma idéia exata do interesse deste livro, seria preciso citá-lo quase por inteiro. Limitar-nos-emos à passagem seguinte:

“Perguntais se creio na vida futura, dizia um velho general; se cremos, nós, soldados! E como quereis que não seja assim, a menos que sejamos um tríplice animal? Em que quereis que pensemos na véspera de um combate, de um assalto, que tudo prenuncia que deve ser mortífero?... Depois de ter dito adeus, em

pensamento, aos seres queridos, que estamos ameaçados de deixar, voltamos irresistivelmente aos ensinamentos maternos, que nos mostraram uma vida futura, na qual os seres simpáticos se reencontram. Colhemos nessas lembranças um redobramento de coragem, que nos faz afrontar os maiores perigos, conforme o nosso temperamento, com calma ou com uma certa exaltação e, mais vezes, ainda, com um entusiasmo, uma alegria, que são os traços característicos do exército francês.

“Afinal de contas, nós somos descendentes desses bravos gauleses, cuja crença na vida futura era tão grande, que tomavam emprestadas vastas somas de dinheiro para reembolsar numa outra existência. Vou mais longe: estou persuadido de que somos sempre os filhos da velha Gália que, entre a época de César e a nossa, atravessaram grande número de existências, em cada uma das quais tomaram um grau mais elevado nas falanges terrenas.”

Este livro será lido com proveito pelos mais firmes crentes, porque aí colherão novos argumentos para refutar seus adversários.

#### A ALMA

#### SUA EXISTÊNCIA E SUAS MANIFESTAÇÕES

Por Dyonis<sup>12</sup>

Este livro tende para o mesmo objetivo que o precedente: a demonstração da alma, da vida futura, da pluralidade das existências, mas sob uma forma mais didática, mais científica, embora sempre clara e inteligível para todo o mundo. A refutação do materialismo, particularmente das doutrinas de Büchner e de Maleschott, aí ocupa largo espaço, e não é a parte menos interessante nem a menos instrutiva, pela irresistível lógica dos

12 1 vol. in-12, 3 fr. 50.

argumentos. A doutrina desses dois escritores de incontestável talento, e que pretendem explicar todos os fenômenos morais só pelas forças da matéria, teve larga repercussão na Alemanha e, em consequência, na França; naturalmente, foi aclamada com entusiasmo pelos materialistas, felizes de aí encontrarem sanção às suas idéias; recrutou partidários sobretudo entre a juventude das escolas, que nelas se apóiam para se libertarem, em nome da aparente legalidade de uma filosofia, do freio imposto pela crença em Deus e na imortalidade.

O autor se empenha em reduzir ao seu justo valor os sofismas sobre os quais se apóia essa filosofia; demonstra as desastrosas consequências que ela teria para a sociedade, se algum dia viesse a prevalecer, e sua incompatibilidade com toda doutrina moral. Embora ela quase não seja conhecida por certa gente, uma refutação de certo modo popular é muito útil, a fim de premunir os que se pudessem deixar seduzir pelos argumentos especiosos que ela invoca. Estamos persuadidos de que, entre as pessoas que a preconizam, algumas recuariam, se tivessem compreendido todo o seu alcance.

Mesmo que fosse apenas deste ponto de vista, a obra do Sr. Dyonis mereceria sérios estímulos, porque é um campeão enérgico para a causa do espiritualismo, que é também a do Espiritismo, ao qual se vê que o autor não é estranho. Mas a isso não se limita a tarefa que ele se impôs; ele encara a questão da alma de maneira larga e completa; é um dos que admitem o seu progresso indefinido, através da animalidade, da Humanidade e além da Humanidade. Talvez, sob certos aspectos, seu livro encerre algumas proposições um tanto arriscadas, mas que é bom trazer à baila, a fim de que sejam amadurecidas pela discussão.

Lamentamos que a falta de espaço não nos permita justificar a nossa apreciação por algumas citações; limitar-nos-emos

à seguinte passagem, e a dizer que os que leem este livro não perderão o seu tempo.

“Se examinarmos os seres que se sucederam nos períodos geológicos, notamos que há progresso nos indivíduos dotados sucessivamente de vida, e que o último a chegar, o homem, é uma prova irrecusável desse desenvolvimento moral, pelo dom da inteligência transmissível que o foi primeiro a receber, e o único de todos os animais.

“Esta perfectibilidade da alma, oposta à imperfectibilidade da matéria, nos leva a pensar que a alma humana não é a primeira expressão da alma, mas apenas a sua última expressão até aqui. Em outros termos, que a alma progrediu desde a primeira manifestação da vida, passando alternadamente pelas plantas, os animálculos, os animais e o homem, para se elevar ainda, por meio de criações de uma ordem superior, que os nossos sentidos imperfeitos não nos permitem compreender, mas que a lógica dos fatos nos leva a admitir. A lei do progresso, que seguimos nos desenvolvimentos físicos dos animais sucessivos, existiria, pois, igualmente e principalmente, em seu desenvolvimento moral.”

## Sociedades e Jornais Espíritas no Estrangeiro

A abundância de matérias nos obriga a adiar para o próximo número o relatório de duas sociedades espíritas, constituída em bases sérias, por estatutos impressos, mui sabiamente concebidos: um em Sevilha, na Espanha; a outra em Florença, na Itália.

Falaremos, igualmente, de dois novos jornais espíritas, que nos limitaremos a anunciar a seguir.

*El Espiritismo* (O Espiritismo) – 12 páginas in-4º, saindo duas vezes por mês, desde 1º de março, em *Sevilha*, calle de Genova, 51. – Preço por trimestre: Sevilha, 5 reais; províncias, 6 r.; estrangeiro, 10 r.

*Il Veggente* (O Vidente) – Jornal magnético-espírita hebdomadário; quatro páginas in-4º; publicado em Florença, via Pietra Piana, 40. – Preço: 4 fr. 50 c. por ano; por seis meses, 2 fr. 50 c.

## Errata

Número de março de 1869, página 93, linha 31, em vez de: *concerto do Espírito*, lede: *conceito do Espírito*.<sup>13</sup>

*Allan Kardec*

Este foi o último fascículo da *Revista Espírita* que veio a lume sob a responsabilidade de Allan Kardec. A partir do mês de maio de 1869, essa tarefa ficou a cargo de seus continuadores, tendo à frente, pelo Comitê de Redação, o Sr. Armand Théodore Desliens, na qualidade de Secretário-gerente da *Revista*.

13 N. do T.: A página e a linha indicadas são as do original francês. Procedemos às correções apontadas por Allan Kardec no devido lugar desta versão.